



DIREITOS DA MULHER, DIREITOS DO CORPO

Estudo para adultos

Sandra Duarte de Souza

**Professora da UMESP,
doutora em Ciências da
Religião. Membro da
Igreja Metodista em Mauá
e participante da Igreja
Metodista em Vila Mariana.**

DUAS MULHERES QUE SE ENCONTRAM

Leitura Bíblica: Lucas 1.46b-55

O texto que subsidia essa reflexão está em Lucas 1.46b-55. Nele, Maria, grávida de Jesus, glorifica a Deus, exaltando a sua misericórdia, o seu poder e a sua justiça. Trata-se de um texto que pode ser lido isoladamente, e que até hoje é recitado ou cantado nos mais diversos grupos cristãos, como memória viva da história do Deus encarnado. Mesmo considerando a econômica fala de Maria nos evangelhos, é possível perceber que ela possuía um bom conhecimento de sua tradição religiosa e da história do povo de Deus. Não é à toa que o Magnificat, ou Cântico de Maria, alude, dentre outras passagens veterotestamentárias, ao Cântico de Ana (1 Sm 2,1-10), quando do nascimento de seu filho Samuel. Segundo estudiosas e estudiosos da Bíblia, é provável que esse cântico já fosse conhecido pela comunidade, e Maria, ao rememorar-lo, identifica nele sua própria trajetória e a trajetória do povo de Deus.

O Cântico de Maria, porém, ganha especial sentido ao compor o primeiro capítulo de Lucas. O evangelista é o único que o apresenta, sendo também o único que relata o encontro entre Maria e Isabel, que emoldura o Magnificat. Quando nos debruçamos sobre os versículos que o antecedem, entramos em um cenário bastante conhecido de todas e todos nós, a casa, e encontramos nela mais uma mulher: Isabel. Duas mulheres protagonizam um novo momento na história do povo de Deus que vivia sob o jugo romano. Isabel e Maria não são apenas os úteros que carregam João Batista e Jesus. Não são apenas duas barrigas que se encontram. Elas são sujeitos de um novo tempo. Elas não vacilaram diante da missão singular que lhes foi outorgada, e seu encontro significou o anúncio e a realização da chegada do Messias, o Salvador.

O texto e seu contexto

De acordo com diferentes biblistas, a datação aproximada do texto de Lucas é de 85 d.C. O Evangelho foi gestado no contexto da implacável dominação romana, que onerava o povo com altos tributos, aumentando ainda mais as desigualdades sociais, redundando no empobrecimento especialmente da população camponesa, que representava a maioria da sociedade da época. Para garantir seu domínio, bem como para estender seu império, Roma travava guerras constantes, o que gerava a necessidade de cobrar impostos abusivos destinados à manutenção de seus exércitos e às construções gigantescas que simbolizavam o domínio romano. Além dos altos impostos, para dar conta de seus objetivos de dominação, o Império também impunha ao povo a prática de trabalhos forçados. O imperador, intitulado César, objetivava manter seu poder político e econômico a qualquer preço. Conforme as fronteiras do Império se alargavam, essa política de dominação se complexificava. As províncias tinham autonomia relativa, mas eram governadas por líderes leais a Roma. Tais líderes eram muito ambiciosos, e estavam dispostos a qualquer coisa para se manter no poder.

No que tange à religião, durante um bom período o Império Romano usou a tolerância como estratégia de dominação, isto é, permitia ao povo cultuar seus deuses, desde que lhe fosse reverente e obediente. Essa aparente tolerância religiosa visava o evitamento de insurreições contra o Império. Em outras palavras, a manutenção da religião dos povos dominados era utilizada como mecanismo para atenuar as insatisfações populares em relação a Roma. Os conflitos com os cristãos e cristãs, porém, começaram a se intensificar a partir do reinado de Nero, que os perseguiu incansavelmente, especialmente a partir do ano 64. No ano 70 o templo e a cidade de Jerusalém foram destruídos, e os grupos que restaram foram basicamente os fariseus e os cristãos, que estavam longe de se entender. As insatisfações cresciam. Os judeus-fariseus ascenderam politicamente e conquistaram legitimidade junto ao império para cobrarem impostos. Eles também reforçaram o rigorismo



da lei, perseguindo os judeus cristãos por eles considerados hereges. Havia convivência da parte dos judeus-fariseus com a exploração romana, sendo os próprios sacerdotes protagonistas dessa exploração. Essa situação criava um clima de desânimo e desesperança entre o povo, que se via assaltado em sua dignidade e humanidade, e que estava longe de vislumbrar alguma saída. É nesse contexto que a narrativa do anúncio do nascimento de João Batista e de Jesus é registrada pela comunidade lucana. Fazia-se necessário rememorar para esperar.

Duas mulheres que emergem da marginalidade

No evangelho de Lucas encontramos forte ênfase nas pessoas marginalizadas como as empobrecidas, doentes, estrangeiras e as mulheres. O simples fato de serem mulheres, já indica a marginalidade social de Isabel e Maria, mas sua condição marginal não se resume a isso. Segundo Lucas (1.7), Isabel era estéril e de idade avançada. Um dos maiores infortúnios para as mulheres dessa época era justamente a esterilidade, que sinalizaria, na lógica patriarcal, a destituição da bênção divina. Se ser mulher na sociedade atual já é difícil, imagine naquela época! As mulheres não eram consideradas como sujeitos autônomos. Na verdade, as mulheres nem mesmo eram consideradas sujeitos. Não bastasse isso, o fato de não poder gerar filhos e filhas colocava Isabel em uma situação de dupla marginalidade, pois seria indicador de sua incapacidade de realizar a “única” função para a qual as mulheres estariam destinadas: a reprodução. Não conceber poderia significar o fim da vida social de qualquer mulher daquela época. O marido poderia, inclusive, reivindicar o divórcio. Zacarias não pediu o divórcio, mas certamente não era fácil para ambos e principalmente para Isabel, lidarem com a reprovação social de um relacionamento sem a geração de descendentes. A própria Isabel indica isso ao afirmar: “Assim me fez o Senhor, contemplando-me, para anular o meu opróbrio perante os homens” (Lc 1.25). A idade avançada de Isabel é outro dado que é preciso considerar. É claro que “idade avançada” naquela época não é o mesmo que hoje, mas ela era considerada “velha” de acordo com os padrões de seu tempo, e isso pode explicar o fato dela se ocultar por cinco meses após engravidar (Lc 1.24). O anúncio da gravidez de Isabel é o anúncio da chegada de João Batista, o precursor de Jesus, mas é também o anúncio da libertação de Isabel. É o anúncio da restauração da sua dignidade.

Maria, uma jovem mulher recém-casada e cujo casamento ainda não havia sido consumado, recebe a notícia de que será a mãe do Salvador (Lc 1.31-32). Não bastasse a marginalidade de Maria por ser mulher e de origem humilde, agora ela está diante do fato de estar grávida sem ter tido relações com seu esposo. José não a deixou, mas certamente, além da rejeição inicial de seu marido¹, Maria sentiu na pele a reprovação dos familiares e de pessoas conhecidas. A marginalidade de Maria soma vários elementos: ser mulher, ser pobre, ser jovem e, principalmente, não estar grávida do próprio marido. Aqui temos uma completa inversão da ordem social dominante: uma mulher, jovem, pobre e que não está grávida do próprio marido é afirmada em sua sujeitidade, e faz história por meio da ação divina em sua vida.

Maria e Isabel se encontram na marginalidade. De seus corpos marginalizados brota a esperança de uma nova vida. Elas se abraçam, se apoiam, se solidarizam no medo e na vergonha impostos pelas convenções sociais, mas também se descobrem na alegria de serem as protagonistas da boa nova da salvação. Daí a importância do apoio mútuo que se pode perceber no diálogo que estabelecem. Isabel exalta Maria por ser a mãe do Senhor (Lc 1.42-43), e Maria se refere a Isabel como bem-aventurada por haver crido no que lhe fora dito (Lc 1.45). Maria permanece com Isabel por três meses (Lc 1.56), o que significa que ficou com ela até o nascimento de João Batista. Duas mulheres destituídas de direitos que, por meio da ação divina, emergem da marginalidade, se solidarizam, se percebem sujeitos, e mudam a história da humanidade para sempre.

“Fazia-se necessário rememorar para esperar.”


Magnificat: a voz profética de Maria

O encontro de Maria e Isabel foi empoderador. É nesse contexto que o Magnificat ganha ainda mais sentido. Esse cântico, colocado na boca de Maria pela comunidade lucana, sintetiza o projeto salvífico de Deus. Maria inicia exaltando a Deus por tê-la contemplado e por cunhar esse fato na memória de todas as gerações (Lc 1.46-48). A justiça divina é evocada na crítica aos soberbos, aos ricos e aos poderosos, que é acompanhada da afirmação da prioridade das pessoas humildes, das famintas e das pobres (Lc 1.51-53). Trata-se de uma clara crítica à ordem social que explora o povo e gera morte. O tom do Magnificat lembra o tom dos profetas e profetizas, de sua crítica social, mas também lembra o ministério de Jesus, e de sua ação junto àqueles e àquelas que foram e ainda são empurradas para as margens da sociedade. Doentes, pobres, crianças, estrangeiros, estrangeiras e mulheres compõem uma lista interminável de pessoas excluídas que o evangelho de Lucas teima em visibilizar. O Magnificat também se soma a essa voz profética, e seu diferencial é que ele está na boca de uma mulher.

A Igreja e o empoderamento das mulheres: *emergindo da marginalidade*

Historicamente testemunhamos o sexismo² da sociedade brasileira, levado a cabo por meio da organização patriarcal das relações sociais. O estatuto social diferenciado de homens e mulheres se materializa nas desigualdades de gênero observadas no país. Essa desigualdade está presente também em muitos outros lugares do mundo.

Os avanços tecnológicos, a industrialização, as mudanças políticas, não foram suficientes para erradicar o abismo existente entre os sexos. As mulheres constituem a maioria das pessoas empobrecidas, sendo conseqüentemente a maioria das pessoas famintas da terra, estando mais expostas a doenças e epidemias. As mulheres têm menos acesso ao direito à terra e ao crédito. No campo da educação, a maioria das pessoas não alfabetizadas do mundo são mulheres. O mercado formal de trabalho é menos permeável à presença feminina do que à masculina, obrigando as mulheres a se submeterem a subempregos e a salários inferiores aos dos homens. A violência doméstica acomete majoritariamente meninas e mulheres adultas, e o feminicídio é realidade no mundo todo. Também são as mulheres as que estão mais expostas ao assédio e a abusos sexuais. Anualmente milhões de mulheres de distintas idades são traficadas e submetidas ao trabalho escravo e à prostituição. Menos de 20% das mulheres do mundo são legisladoras, e isso tem implicações diretas sobre a afirmação e garantia de seus direitos.

Todos os dados acima apresentados podem ser ainda mais problematizados se considerarmos também o dado da raça/etnia, da regionalidade, da idade e muitos outros. Existe uma explícita articulação e integração das diferentes formas de dominação. As desigualdades de gênero estão articuladas com as desigualdades de classe, de raça/etnia, de idade e assim por diante. No Brasil, por exemplo, uma mulher negra ou indígena, pobre e idosa, tem menos probabilidade de acessar direitos básicos se comparada a uma mulher jovem, branca, de classes mais favorecidas. Isso significa que há mulheres que estão em condições ainda mais marginais do que outras, e essa situação precisa ser denunciada e combatida.

A condição de subumanidade e opressão das mulheres foi denunciada e repudiada por Jesus, que anunciou a sua humanidade plena. É o que podemos ler em nosso texto de referência, que trata de Maria e Isabel, mas que também pode ser visto em Lc 13,10-17, quando o mestre curou a mulher encurvada; ou em Jo 4, 6-30, quando conversou longamente com a mulher samaritana; ou em Mt 9,20-22, quando curou a mulher que vivia há anos com hemorragia; ou então em Lucas Lc 7,11-17, quando devolveu à vida o filho da viúva da cidade de Naim

Essas e tantas outras passagens dos Evangelhos indicam o empenho de Jesus na luta contra a opressão das mulheres. Mais do que a cura física, Jesus

“...a violência doméstica acomete majoritariamente meninas e mulheres adultas, e o feminicídio é realidade no mundo todo.”

devolveu a elas a humanidade e a dignidade. De sua parte, as mulheres não ficaram paradas. Elas inquiriram o mestre. Elas o tocaram. Elas confrontaram os padrões sociais estabelecidos. Elas se autorreconheceram como humanas, como sujeitos de direitos, como imagem e semelhança de Deus.

Diante de tudo isso, perguntamos: em que medida a Igreja tem denunciado a negação dos direitos das mulheres? De que forma a Igreja tem contribuído para afirmar a sujeitidade feminina? É preciso que a Igreja seja um espaço de denúncia do mal, bem como um espaço de solidariedade, de cumplicidade, de reconhecimento dos direitos das mulheres e de empoderamento.

Assim como a intervenção de Deus nas vidas de Isabel e Maria libertou-as da opressão patriarcal de sua época, outras mulheres podem ser empoderadas para sair da marginalidade. Há muitas mulheres na expectativa da visita libertadora de Deus, e é missão da Igreja anunciar a boa nova da sua salvação.

Citações

¹ Lucas não faz menção à hesitação de José. A brevidade dessa lição não nos permite analisar a importância do apoio de Zacarias e de José a suas esposas, mas é importante destacar que se ambos decidissem seguir as convenções sociais da sua época, nenhum teria permanecido no casamento.

² Sexismo é a discriminação e o tratamento desigual construído a partir das diferenças entre os sexos ou gêneros.



Fique por dentro das programações e tenha acesso a todos os materiais da Assessoria Regional dos Direitos Humanos - 3 RE

Facebook:

direitoshumanosmetodista3re

Blog:

dh3re.wordpress.com

E-mail:

direitoshumanos@3re.metodista.org.br

Apoio:

Secretaria de Ação Social da 8ª RE